

Brincadeiras cantadas e jogos musicais numa Oficina de Música com crianças

Andréia Pires Chinaglia de Oliveira¹
UDESC/MESTRADO/PPGM
SIMPOM: *Educação Musical*

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa de mestrado em andamento. A pesquisa tem como objetivo principal investigar como as crianças se apropriam, transmitem e reinventam as brincadeiras cantadas e os jogos musicais numa oficina de música. O referencial teórico e metodológico está sendo construído a partir dos estudos de Kathryn Marsh (2008; 2013) que investigou os jogos de mãos realizados pelas crianças nos pátios escolares em diversos contextos sociais e étnicos. Ao investigar os jogos de mãos nestes contextos, a autora identificou o caráter colaborativo entre as crianças e, assim, sugere que as características dos jogos de mãos realizados nos contextos informais podem ser incorporadas no ambiente de sala de aula para aprendizagem musical. A investigação segue uma abordagem qualitativa tendo como fontes de coletas dos dados: 1) a observação participante; 2) um caderno de anotações das crianças; 3) entrevistas de grupo focal. A pesquisa ainda está acontecendo, os dados foram organizados e estão sendo analisados. Neste trabalho, apresentamos alguns dados coletados nas observações participantes, destacando o que as crianças fazem e falam diante de algumas propostas realizadas nas aulas. Focalizaremos os espaços que as crianças tiveram para se apropriar, transmitir e reinventar as brincadeiras e os jogos musicais. Diante dessa primeira etapa de análises, observamos que a aprendizagem fica mais interessante e significativa quando as crianças participam do processo com sua contribuição pessoal interagindo no processo com seus pares construindo juntos como querem realizar uma brincadeira cantada ou um jogo musical no espaço de sala de aula. Assim, acredita-se que os resultados deste estudo possam contribuir com práticas e metodologias que valorizem a autonomia das crianças, sua capacidade de agência, de elaborar suas próprias ideias de música reconhecendo suas perspectivas sobre os próprios processos de aprendizagem musical.

Palavras-chave: Brincadeiras cantadas; Jogos musicais; Oficina de música; Aprendizagem colaborativa.

Singing and Musical Games in a Music Workshop with Children

Abstract: This study is a Master's thesis in progress. The main aim of this research is to investigate how children appropriate, transmit and reinvent singing and musical games in a Music Workshop. The theoretical and methodological referential has been constructed from Kathryn Marsh (2008; 2013) studies, Who investigated the collaborative learning processes through hand games performed by children from different social and ethnical contexts in school yards. When investigating these hand games in different contexts, there searcher

¹ Orientadora: Viviane Beineke.

identified the collaborative feature between children and so suggests that teachers may incorporate the hand games technical features performed in informal contexts in to classroom for musical learning. The study follows a qualitative approach and data are collected from 1) participant observation; 2) a children notebook; 3) focus group interviews. The research is still in progress and we have organized and analyzed collected data until the present moment. For this study, we present some data related to participant observations, high lighting what children do and say when facing some approaches performed in classes. We are going to focus the research on the places children had to appropriate, transmit and reinvent the musical games. From this first analysis step, we observed that the learning process is more interesting and significant when children participate on the process with their personal contribution, interacting with their pairs and constructing how they want to perform a singing or musical game in classroom together. Thus, we believe that the results obtained in this study may contribute to methodologies and practices that Will enrich children autonomy, their agency capacity of creating their own musical ideas and yet recognizing perspectives about their musical learning process.

Keywords: Singing games; Music games; Music workshop; Collaborative learning.

Introdução

Pesquisas têm revelado a importância do uso de brincadeiras e jogos para a aprendizagem musical das crianças. Na área de educação musical, estudos (MARSH, 2008 2013; SOUZA, 2009) buscam compreender como acontece a aprendizagem musical por meio de brincadeiras e jogos, em contextos de prática musical informal, observando o potencial dessas práticas para a aprendizagem musical. Tais trabalhos sugerem que esses processos de aprendizagem musical informal e intuitiva das crianças podem contribuir com o ensino musical em contextos formais de educação musical.

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo investigar como as crianças se apropriam das brincadeiras cantadas e dos jogos musicais, transmitindo-os e reinventando-os numa oficina de música.

A pesquisa está sendo realizada no curso de extensão “Brincando, Criando e Cantando”, que é uma ação do Projeto de Extensão Música, Escola e Comunidade, da Universidade Estadual de Maringá. O curso atende 23 crianças com idades entre 7 e 12 anos. Iniciadas em março deste ano, as aulas são semanais, com duração de 1 hora cada, ministradas por uma professora estagiária do último ano do curso de licenciatura em Música da UEM e 4 alunos/monitores do curso de música e artes cênicas. O curso tem o objetivo de promover a aprendizagem do canto por meio de atividades lúdicas, que incluem brincadeiras cantadas, brinquedos e jogos musicais.

A pesquisa está em andamento, com dados já coletados e organizados. Nesta comunicação será focalizada a análise das observações participantes.

1. Referencial teórico

O referencial teórico está sendo construído com base nos estudos de Kathryn Marsh (2008; 2013), que investigou os jogos de mãos realizados pelas crianças nos pátios escolares em diversos contextos sociais e étnicos. Ao investigar os jogos de mãos nesses contextos, a autora identificou o caráter colaborativo entre as crianças nos processos de transmissão dos jogos, observando também processos de reinvenção nas práticas desses jogos.

Em suas pesquisas, Marsh (2008) observou que no pátio escolar as crianças ensinam livremente os jogos que sabem umas às outras, sugerem outros textos, músicas ou movimentos, ensinando novos jogos que são aprendidos em outros contextos. Além disso, Marsh (2008) constatou que as crianças manipulam criativamente canções da música popular quando realizam esses jogos, incorporando-os na invenção de novos jogos em suas *performances* nos pátios escolares.

Marsh (2013) ainda esclarece que “as diferentes formas de realizar um jogo podem ser aceitas como prática de *performance*” (MARSH, 2013, p. 17, tradução nossa), promovendo, assim, aprendizagens colaborativas pelas quais as crianças são capazes de criar códigos sociais e potencializar o desenvolvimento das suas habilidades e competências.

A pesquisa de Marsh (2013) contempla também sugestões de como os professores podem trabalhar os jogos na sala de aula, permitindo que as crianças manipulem e alterem o repertório, tal como elas fazem criativamente no recreio. Segundo a autora, em sala de aula, os professores podem dar oportunidade para que as crianças elaborem variações do repertório trabalhado em dinâmicas com pequenos grupos ou com a turma toda. “As crianças podem ser convidadas a mudar o texto ou movimentos dentro da *performance* de uma música ou jogo, como no desenvolvimento de novos versos com ações correspondentes” (MARSH, 2013, p. 17, tradução nossa).

Assim, Marsh (2013) apresenta o potencial educativo proporcionado pela inclusão de recursos e características dos jogos de mãos dentro do ambiente de sala de aula.

Tal proposta motivou esta pesquisa, que busca melhor compreender como ocorre a aprendizagem musical com os pares no contexto informal, como sugere Marsh (2008; 2013), dentro do contexto de sala de aula. Tal questão conduz a outra pergunta: se as crianças

ensinam e aprendem os jogos de forma livre e espontânea nos espaços de recreio nos pátios escolares, como elas podem fazer isso dentro da sala de aula?

Nessa perspectiva, construiu-se o objetivo da pesquisa que visa a investigar como as crianças se apropriam, transmitem e reinventam brincadeiras cantadas e jogos musicais numa oficina de música.

2. Caminhos metodológicos

Considerando o objetivo da pesquisa, e diante da vivacidade e da complexidade da sala de aula, optou-se por uma abordagem qualitativa. Nessa abordagem, os dados são gerados no contato direto e interativo com o objeto estudado, permitindo aprofundar a compreensão dos fenômenos que estuda e das ações dos indivíduos (GRAY, 2012).

O uso de fontes diversificadas permite também que se tenha uma compreensão mais contextualizada sobre o objeto de pesquisa. Essas fontes serão importantes, pois permitem olhar não apenas o que as crianças fazem, mas também o que falam e escrevem, dando ênfase à compreensão e à interpretação das perspectivas e significados que atribuem ao processo em que estão envolvidas (CHIZZOTTI, 2006, p. 28).

Nesse sentido, optou-se por 3 fontes de coletas de dados: 1) observação participante com registro em vídeo; 2) caderno de anotações; 3) entrevista de grupo focal.

2.1. Observação participante com registro em vídeo

O estudo dos jogos e brincadeiras no contexto da sala de aula requer um contato direto do pesquisador com o contexto da pesquisa. A observação é um processo que envolve o olhar sobre as ações das pessoas e o registro, análise e interpretação de seus comportamentos que combina sensação e percepção do pesquisador diante do objeto estudado (ANGROSINO, 2008).

Uma das modalidades de observação é a observação participante, que está sendo utilizada nesta pesquisa. Foram realizadas nove observações participantes no período de abril a junho com duração de uma hora cada, registradas em vídeo com uma câmera móvel. A principal intenção das observações participantes foi captar e registrar os processos de apropriação, transmissão e reinvenção dos jogos e brincadeiras em sala de aula. Além disso, esses registros contribuíram na elaboração de um diário de campo, no qual foram descritas as brincadeiras e jogos realizados em aulas, transcrevendo falas e procurando capturar suas ideias, gestos, comportamentos de como se sentiam e como se articulavam para realizar as atividades.

Esse processo de observação e registro das aulas também foi importante para ajudar a construir e delinear o foco que seria dado nas entrevistas de grupo focal que aconteceram no mesmo período das aulas, mas em outros horários previamente combinados com as famílias das crianças.

2.2. Cadernos de Anotações

As crianças receberam um Caderno com formato de bloco de anotações para servir de arquivo, tanto das suas impressões pessoais, como dos registros semanais referentes às brincadeiras e aos jogos realizados durante as aulas e os que fizeram em casa como tarefa. Ao final da aula, as crianças escreviam nesse caderno suas ideias sobre a aula. Elas também podiam registrar brincadeiras ou jogos que conheciam, os que aprenderam, os que modificaram ou inventaram, colocando suas opiniões, ideias e reflexões sobre o processo.

Alguns pesquisadores (GRIFFIN, 2011; PINHEIRO MACHADO, 2013) utilizaram os cadernos para coletar os dados, com o objetivo de registrar e discutir as ideias e experiências musicais dos alunos.

Griffin (2011) utilizou diários com meninas sobre suas vidas musicais fora da escola. Nesse caderno, a autora pediu que elas criassem histórias, poemas e canções e colocassem ilustrações, para expandir suas experiências musicais. Depois de algum tempo, as meninas compartilharam os registros nos diários individuais em conversa durante encontro filmado e dividiram com a pesquisadora uma variedade de ideias musicais. Pinheiro Machado (2013) também utilizou cadernos em que as crianças foram convidadas a fazer colagens, pinturas, desenhos e escrever sobre o que pensam, ou registrar suas experiências com música. Por meio dos registros das crianças, a pesquisadora buscou compreender como as crianças refletem e compartilham suas ideias de música.

Tais pesquisas mostram que o uso dos cadernos permite ampliar nosso conhecimento a respeito dos sentidos que as crianças atribuem às suas experiências, abrindo também outro modo de comunicar suas ideias, o que permite complementar os dados da pesquisa.

2.3. Entrevista de grupo focal com crianças

O grupo focal tem sido utilizado em pesquisas qualitativas com o objetivo de coletar dados através da interação em grupo. Tal método permite complementar os dados obtidos nas observações participantes por meio das falas e concepções das próprias crianças. Como afirma Barbour (2009), as entrevistas de grupo focal têm como objetivo central

identificar sentimentos, percepções, atitudes e ideias dos participantes a respeito de determinado assunto.

Nesta pesquisa, as entrevistas de grupo focal foram realizadas na Universidade Estadual de Maringá e aconteceram em duas etapas, nas quais as crianças foram separadas em 3 grupos menores para que pudessem interagir melhor no grupo, debatendo as ideias propostas. Todos os encontros foram gravados em áudio e vídeo visando a captar tanto a fala quanto o gesto das crianças.

A primeira etapa aconteceu no final do mês de maio. Para a separação dos grupos foi sugerido alguns horários nos quais os pais e as crianças escolheram diante das suas disponibilidades. Para esta etapa o foco das entrevistas esteve nas perspectivas, sentidos e interpretações das crianças em relação ao processo nas oficinas.

A segunda etapa aconteceu no início de julho, após a conclusão do semestre. Novamente as crianças foram separadas em três grupos, mas ficaram em grupos diferentes dos da primeira etapa.

Para essa etapa das entrevistas, foram preparados para a discussão pequenos clipes das brincadeiras e dos jogos realizados nas aulas para que as crianças pudessem assistir e, a seguir, discutir e conversar sobre o processo. Esse tipo de recurso é utilizado para estimular discussões e interações, principalmente com crianças, porquanto, conforme sugerem Morgan (1997) e Gray (2012), o uso de materiais de estímulo e abordagens criativas e imaginativas como cartas, vídeo, fotografias e desenhos podem ser mais eficazes para capturar as percepções com determinados grupos.

3. As brincadeiras e os jogos musicais na oficina: o que as crianças fazem e falam

Durante as aulas observadas, diversas brincadeiras cantadas e jogos musicais foram realizados, nos quais as crianças não só aprenderam brincadeiras e jogos novos, mas puderam intervir de formas diferentes: modificaram textos e melodia; reinventaram movimentos e ritmos; inventaram brincadeiras e jogos novos; inventaram textos, melodias, movimentos e ritmos novos. Elas puderam, também, decidir como queriam cantar e realizar a brincadeira ou o jogo, decidindo a *performance* daquela atividade. E ainda ensinaram brincadeiras e jogos aprendidos nas aulas para aprendizagem musical.

3.1. Apropriação e transmissão da brincadeira cantada: O Sorveteiro

Na primeira aula observada as crianças fizeram uma brincadeira cantada chamada *O Sorveteiro*, de Elvira Drumond (2000). Elas cantaram com a professora o refrão, que diz: “Olha o sorvete, quem quer comprar?”, executando percussão corporal para marcar o pulso. Em seguida, a professora perguntava de quais sabores de sorvete elas mais gostavam, e as crianças foram dizendo. A professora cantou para elas a próxima estrofe, que trazia alguns sabores de sorvete. Entretanto, as crianças sugeriram modificar o texto da estrofe que a professora cantou, substituindo-o pelos sabores de sorvete que elas haviam citado. A professora aceitou, e as sugestões das crianças foram incorporadas.

A seguir, as crianças começaram a inventar diferentes motivos rítmicos com percussão corporal, uma para cada sabor de sorvete. Uma aluna perguntou se eles não podiam cantar essa canção do jeito como a fizeram noutra aula, com outra música. Ela não lembrava o nome daquele “jeito de cantar”, e a professora lembrou que foi um cânone. A turma se dividiu em dois grupos, e elas realizaram o cânone fazendo simultaneamente a percussão corporal. Ao final, bateram palmas, entusiasmadas, e algumas disseram que ficou bonito.

Outro aluno lembrou que na primeira aula do curso a professora cantara com eles uma canção dos bichos, com “vozes diferentes, cada grupo cantando uma melodia diferente”. Ele perguntou se não dava para fazer igual com aquela música. Antes de a professora responder, outra menina já disse que dava e que um grupo podia ficar cantando o refrão enquanto o outro cantava a estrofe. A professora explicou que nesse caso eles estariam fazendo uma sobreposição melódica. E assim foi feito. Cantaram duas vezes e executaram a percussão corporal. Cantaram, inverteram os grupos e, ao final da aula, estavam bem animadas com o resultado da brincadeira.

Na atividade relatada, as crianças foram incentivadas a dar suas ideias e, nesse processo, foram apropriando-se da brincadeira, porque tiveram espaço para exercer sua autonomia, dando ideias e sugestões, experimentando e decidindo como a música deveria ser. Segundo Marsh (2008), trabalhar dentro dos grupos parece promover e estimular o pensamento musical independente, criando um ambiente rico no qual os alunos parecem sentir-se seguros para gerar ideias musicais originais.

Além disso, puderam reinventar a canção ao modificar o texto e elaborar a percussão corporal. Elas avaliaram que, da forma como realizaram a canção, incorporando suas ideias à música, deram um “efeito bonito na música”. Elas se envolveram e pareciam satisfeitas com o resultado, o que demonstraram ao término da atividade: bateram palmas;

ficaram eufóricas após cada elemento novo que sugeriam (percussão, cânones e sobreposição das melodias); “ficou lindo”; “o efeito das vozes e da percussão ficou demais”; “professora, temos que apresentar essa brincadeira”. Como alerta Marsh (2013), quando alguns dos aspectos musicais conhecidos das crianças são utilizados como ponto de partida para o trabalho em sala de aula, as crianças sentem que seu conhecimento é valorizado.

3.2. Invenção de brincadeiras e jogos com as notas musicais

Na quarta aula observada, as crianças tiveram como tarefa inventar uma brincadeira ou um jogo novo, tendo como tema as notas musicais. Elas utilizaram o caderno de anotações para desenhar e escrever sobre essas brincadeiras e jogos inventados. Nessa aula estiveram presentes somente doze crianças, das quais cinco conseguiram compartilhar em aula o jogo que haviam inventado, ensinando-o aos demais colegas. Foi possível perceber bastante autonomia das crianças na tomada de decisões: estiveram à frente das ações, ensinando, explicando e fazendo as brincadeiras e os jogos que inventaram. Além de inventarem a brincadeira ou o jogo, elas precisaram transmitir e ensinar como fazer. Observou-se que as crianças que ensinaram suas brincadeiras ou jogos decidiram realizar o jogo ao mesmo tempo em que explicavam. Como explica Marsh, normalmente as crianças aprendem as canções de forma imitativa e holística (MARSH, 2013), o que facilita a apropriação e a transmissão da brincadeira ou do jogo, pois os dois processos acontecem ao mesmo tempo.

Outro ponto a destacar é que as crianças se mostraram empolgadas em realizar as brincadeiras e os jogos que os colegas inventaram, como numa das brincadeiras que elas não queriam parar de fazer. A professora precisou intervir por causa do tempo, mas eles pediram para repetir a brincadeira em outra aula. Ao final da aula as crianças disseram que gostaram de todas as brincadeiras e jogos ensinados. Uma menina disse que foram bem criativos e divertidos. Um aluno disse que eram brincadeiras que podiam ser feitas com outras pessoas.

Considerações

Ao investigar como as crianças se apropriam das brincadeiras e dos jogos musicais, transmitem-nos e os reinventam, um dos pontos a focalizar são os espaços que as crianças tiveram para realizar as atividades. A aprendizagem fica mais interessante e significativa quando as crianças participam do processo com sua contribuição pessoal, interagindo no processo com seus pares, construindo juntos como querem realizar uma brincadeira cantada ou um jogo musical.

Acredita-se que os resultados de estudos dessa natureza possam contribuir para repensar as metodologias de ensino da música, reconhecendo as práticas da aprendizagem musical informal e incorporando-as à educação musical. Tal perspectiva também valoriza a aprendizagem entre as crianças, valorizando sua autonomia, sua capacidade de ação de elaborar suas próprias ideias de música, reconhecendo ainda a perspectiva das crianças sobre os próprios processos de aprendizagem musical.

Referências

- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*. São Paulo, Artmed, 2008. (Coleção Pesquisa Qualitativa).
- BARBOUR, Rosaline. *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009. (coleção pesquisa qualitativa).
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DRUMOND, Elvira. *Voz e corpo: musicalização*. Fortaleza: Softcraft, 2000.
- GRAY, David E. *Pesquisa no mundo real*. Porto Alegre, Penso, 2011. (série Métodos de pesquisa)
- GRIFFIN, Shelley. M. *Through the Eyes of Children: telling insights into music experiences. Visions of research in Music Education*, 2011.
- MARSH, Kathryn. *The Music playground: global tradition and change in children's songs and game*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- _____. Exploring children's musical play. In: BURNARD Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching music creatively*. 2013
- MORGAN, D. *Focus group as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series.16. London: Sage Publications, 1997.
- PINHEIRO MACHADO, Cecília M. *“No nosso mundo a gente inventa”*: um estudo sobre a aprendizagem criativa em uma oficina de música para crianças. 2013. 134f. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2013.
- SOUZA, Fernanda de. *Os jogos de mãos: um estudo sobre o processo de participação orientada na aprendizagem musical infantil*. 2009, 222p. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Música da UFPR, Curitiba, 2009.